

*A casa  
da dona  
Neném*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

V428c

Vargens, João Baptista M., 1952-  
A casa da dona Neném [recurso eletrônico] / João Baptista M. Vargens. - 1. ed. -  
Rio Bonito [RJ] : Almadena, 2023.  
recurso digital ; 2349 MB

Formato: pdf  
Requisitos do sistema: adobe acrobat reader  
Modo de acesso: world wide web  
Inclui bibliografia  
ISBN 9786599295898 (recurso eletrônico)

1. Portela, Dona Neném da, 1925-2020. 2. Portela - (Escola de samba) - História  
- Rio de Janeiro (RJ). 3. Rio de Janeiro (RJ) - Usos e costumes. 4. Patrimônio cultural  
- Rio de Janeiro (RJ). 5. Livros eletrônicos. I. Título.

23-86509

CDD: 394.25098153

CDU: 394.25(815.3)



---

© do texto, 2023 by João Baptista M. Vargens

Direitos de edição por:  
Almadena Editora, Produções Artísticas e Culturais Ltda.  
Telefones: (55) (21) 3634-7637 - Whatsapp: (55) (21) 96435-6348 - Rio de Janeiro  
Home Page: [www.almadenaeditora.com](http://www.almadenaeditora.com)

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA:  
*Marco Aurélio de S. Campos*

CAPA:  
*Renata Mansour*

REVISÃO:  
*Áurea Nazareth A. Paiva*

Ofereço este livro às filhas do Manacéa (Manacé José de Andrade, 1921-1995) e da dona Neném (Yolanda de Almeida Andrade, 1925-2020), Áurea Maria, Heloísa e Ana Maria (*in memoriam*), e a seus familiares, em cuja casa eu tive a satisfação de desfrutar de muitos encontros felizes, em que a empatia do casal acolhia e iluminava todos, sem qualquer distinção.

*João Baptista M. Vargens*

— |

| —

— |

| —

## SUMÁRIO

Prefácio .....	07
Bota abaixo! Sobe o morro ou pega o trem .....	09
De Botafogo a Oswaldo Cruz .....	17
C, Dutra e Melo, Manacéa.....	21
O Locus e o Anima.....	27
É uma Casa Suburbana com Certeza.....	29
Álbum de família .....	57
Uma Casa de Empatia.....	61
As Iguarias de dona Neném.....	49
Depoimentos.....	65
Referências .....	71
Dados sobre o autor .....	73



## PREFÁCIO

Ali, naquele quintal, não há nada enterrado... Nenhum pandeiro, nenhum tamborim ou um tótem qualquer. Não precisava! Ali moravam dona Neném e seu Manacéa, que ali construíram a família mais sólida de nossa querida Escola. Ali nasceram e cresceram suas filhas e netos sob aquelas árvores de sombra tão generosas.

O templo, o terreiro-mor...

E virou nossa casa. A serenidade dele, seu talento musical, a grandeza humana que externava. O carisma e o espírito maternal dela e o manto invisível da Portela que nunca deixou de estar lá.

Acolhimento sempre, a portelenses ou não, todos bem chegados.

Ninguém melhor que João Baptista Vargens para derramar suas lembranças. São parte de sua vida. Ele tão presente em todos os momentos. Ele sabe, como poucos, onde fica o quintal sagrado entre Oswaldo Cruz e Madureira. E sabe que é muito mais de Oswaldo Cruz que Madureira.

*Luis Carlos Magalhães*

— |

| —

— |

| —

# **BOTA ABAIXO! SOBE O MORRO OU PEGA O TREM!**

**Geografia Popular**

*Marquinhos de Oswaldo Cruz, Edinho Oliveira e Arlindo Cruz*

Gente boa, onde Aniceto está?  
Foi pra bem longe  
Quero ver quem vai dizer em versos  
Onde se esconde

Vou sair, mas volto já, meu bem  
Eu não demoro  
Vou pegar um parador ali  
Em Deodoro

Lá na casa do Osmar  
Tem um pagode bem legal  
Eu saí de Deodoro e cheguei  
Em Marechal

Salve a Lira do Amor  
Escola de grandes partideiros  
E depois de Marechal, o que é que vem?  
Bento Ribeiro

Vou pra terra de Candeia  
Onde o samba me seduz  
Pois lugar de gente bamba, onde é?  
Oswaldo Cruz

Lá na Portela ninguém  
Fica de bobeira  
Mas o Império também é  
Em Madureira

Quem é bom já nasce feito  
Quem é bom não se mistura  
Que saudade do pagode do Arlindo  
Em Cascadura

Já pedi pro meu São Jorge  
Pra guiar o meu destino  
Na Igreja do Guerreiro eu rezei  
Lá em Quintino

Tem Botija, Água Santa, Usina  
E Universidade  
Alô Caixa, alô Dezoito, alô povão  
De Piedade

Vou seguindo a trajetória  
Mas o trem tá muito lento  
E a parada obrigatória, onde é?  
No Engenho de Dentro

Méier, Engenho Novo, Sampaio, Rocha  
Que cansa  
Riachuelo, São Francisco, até que enfim  
Minha Mangueira

Maracanã, São Cristóvão  
Lindo bairro imperial  
Só depois de Lauro Muller  
É que eu cheguei

Lá na Central

Quase um século após a chegada de D.João VI e sua corte ao Rio de Janeiro, pela segunda vez a cidade sofre transformações drásticas e vive em polvorosa. Em 1902, Rodrigues Alves é eleito o quinto Presidente da República e tem como principal meta o saneamento e a remodelação urbanística da capital.

No ano seguinte, o médico Oswaldo Cruz é nomeado para a presidência da Diretoria Geral de Saúde Pública e é iniciada a construção do Instituto Manguinhos, atual Instituto Oswaldo Cruz, cuja obra será concluída em 1906. O projeto é do arquiteto português Luiz Moraes Júnior, que acompanhou as linhas mouriscas de Alhambra, em Granada.

Inúmeras doenças infectocontagiosas assolam a cidade causando um expressivo número de mortalidade. Segundo informação da *Lloyd's Greater Britain Publishing Company*, Ltd., 1913, a tuberculose é a enfermidade mais letal, seguida do impaludismo, da varíola e da febre amarela.

O Rio de Janeiro, corpo e alma da nascente República, precisa se modernizar. Bondes, charretes e carroças percorrem as ruas estreitas do centro sob o calor insuportável dos trópicos. Praças e árvores são raras. Os “burros-sem-rabo” transportam mercadorias diversas e ocupavam o espaço nos passeios, onde ex-escravizados, imigrantes portugueses, árabes e alemães expõem suas quinilharias. O cenário é de uma imensa feira-livre, sem qualquer regra estabelecida pelo poder público.

A população gira em torno de 650 mil e não há trabalho para todos. A renda provém dos serviços públicos, do porto e do comércio. Setenta por cento da população são negros e mestiços. Eles ganham a vida como artesãos, garrafeiros, carregadores, aguadeiros. As mulheres são geralmente doceiras e empregadas domésticas.

Sem dúvida, o Rio de Janeiro, no início do século XX, era uma cidade insalubre. Alguns navios passavam ao largo e não aportavam. Os passageiros preferiam contemplar as belezas naturais de longe. Não se arriscavam a contraírem uma doença infecciosa. No verão, as altas temperaturas favoreciam a infestação de mosquitos, outros insetos e ratos. Desse modo, as altas figuras da República e os mais abastados, copiando o que fazia a antiga oligarquia imperial, subia a serra, para suas suntuosas residências, com água encanada e esgoto, em Petrópolis.

Em 1903, Pereira Passos, engenheiro, filho de um cafeicultor fluminense, foi nomeado prefeito para transformar radicalmente a cidade: “remodelar o porto, derrubar casas, alargar as ruas mais movimentadas, desafogar o centro”. Para cumprir a missão, ele contou com a importante colaboração de Paulo de Frontin e Francisco Bicalho, ambos, como ele, engenheiros. Cumpria-se a operação que ficou conhecida como “Bota Abaixo!”

A população carioca estava em pânico. O centro do Rio parecia vítima de um bombardeio. A região portuária era um amontoado de pedras.

– Protesto! Protesto! Isto é um atentado à propriedade.

– Mas sua propriedade é imprópria para figurar numa avenida.

*O Malho* – 11/06/1903

Concomitantemente, Oswaldo Cruz iniciava um amplo programa de vacinação obrigatória, o que causou insegurança à população. Muitos temiam que a novidade causasse consequências severas, ponto de vista defendido por parte da imprensa.

Até Rui Barbosa, a Águia de Haia, insurgiu-se no parlatório do Senado:

“A lei da vacina obrigatória é uma lei morta. (...) Assim como o direito veda ao poder humano invadir-nos a consciência, assim lhe veda transpor-nos a epiderme. (...) Logo não tem nome, na categoria dos crimes do poder, a violência, a tirania, a que se aventura, expondo-se, voluntariamente, obstinadamente, a me envenenar, com a introdução no meu sangue, de um vírus, em cuja influência existem os mais fundados receios de que seja condutor da moléstia ou da morte”.

Por decisão de Oswaldo Cruz, Chefe da Higiene, algumas casas humildes e cortiços foram abaixo, pois eram considerados focos de epidemia.

Para corroborar com o ideal das autoridades de transformar o Rio na “Paris dos Trópicos”, os comerciantes atearam fogo nos quiosques, abundantes na cidade, acelerando a proposta de Pereira Passos que vacilava em tomar uma atitude impopular. Naqueles lugares, reuniam-se os chamados “pés-rapados”. Lá, vendiam-se bolos, broas, café, vinho, cachaça, sardinha frita, além de bilhetes de loteria e jogo do bicho.

Sem terem onde morar, os miseráveis, que viviam nos arredores do cais e perambulando pelas ruas, não encontraram outra solução a não ser a construção de barracos nos morros ou a compra de terrenos nos subúrbios, oriundos do loteamento de antigas fazendas dos tempos do Império. Funcionários públicos de nível médio optaram por bairros da zona norte, mais próximos ao centro, e operários e biscateiros tiveram de se contentar em residir em regiões mais afastadas. O trem era o meio de transporte mais utilizado e mais rápido.

Em 1858, ou seja, menos de meio século antes do “Bota Abaixo” de Pereira Passos, foi inaugurada a Estrada de Ferro Dom Pedro II, nome adotado até a Proclamação da República, ligando o centro do Rio de Janeiro a Belém (atual Japeri). No percurso de 61 Km, havia seis estações, a saber: São Cristóvão; Engenho Novo; Cascadura; Sapopemba (atual Deodoro), Maxambomba (atual Nova Iguaçu) e Queimados. Com o decorrer do tempo, surgiram outras: Riachuelo (1871), Piedade (1873), Sampaio (1880), Cupertino (atual Quintino Bocaiúva, em 1886), Méier e Encantado (1889), Madureira (1890) e Dona Clara, desativada, (1891).

Em 17 de abril de 1898, foi facultada ao público a estação de Rio das Pedras, nome de um rio que nasce em Jacarepaguá, corta Oswaldo Cruz e Rocha Miranda e desagua no Rio Pavuna. Rio das Pedras, em 1917, passa a se chamar Oswaldo Cruz, em homenagem ao famoso sanitarista.

Oswaldo Cruz, com uma população estimada, hoje, em um pouco mais de 35 mil habitantes, nas primeiras décadas do século XX, era um bairro formado por casas humildes. Foi crescendo a partir das ruas que margeiam o leito da estrada de ferro, João Vicente e Carolina Machado. O comércio era bem rudimentar e havia um curral, onde era agrupado o gado, proveniente, em sua maioria, de Minas Gerais e do sul do Estado do Rio, para que recuperasse o peso perdido durante a viagem e seguisse para o matadouro da Penha. Muitas histórias de bois e boiadeiros povoam o folclore local.

Desse modo, sem dúvida, três foram os fatores, de suma importância, para que crescesse, significativamente, a população local: a queda da cultura do café no Vale do Paraíba do Sul e no interior de Minas; a franca decadência das propriedades rurais e dos engenhos de açúcar na região de Santa Cruz, Guaratiba, Campo Grande e Itaguaí e o êxodo da população de baixa renda, afastada do centro da cidade pelo projeto “Bota Abaixo”.

O mesmo trem que transportava gentes e bois com destino a Oswaldo Cruz tornou-se o transporte mais barato e mais rápido para

conduzir os trabalhadores às oficinas, localizadas, geralmente, no centro. Eles eram marceneiros, serralheiros, lustradores, pintores, ladriheiros, gráficos. E, ainda, o trem, foi o local, o ponto de reunião, daquele povo do subúrbio. O último vagão, de madeira, da composição que partia às 18:03 horas da Central, amenizava o cansaço da labuta diária. Sob o ritmo marcado na palma da mão e na marmitta, cantos eram entoados, protagonizados pelos componentes da Portela, que começava a vicejar. Eram os primeiros passos da escola de samba que se tornaria um dos ícones da Cidade.

— |

| —

— |

| —

## DE BOTAFOGO A OSWALDO CRUZ

### Meu Botafogo Querido

*Walter Alfaiate*

Que orgulho eu sinto  
Em ter nascido neste bairro tão lindo  
Meu Botafogo querido  
Tudo em ti é real

São tuas paisagens encantadoras  
És o meu bairro, um patrimônio estadual  
A natureza com cerimônia te enfeitou  
Quanta beleza ela doou

Quando eu morrer  
Desejo que o bairro que me viu nascer  
Torne-se mais belo para a minha despedida  
Para enfeitar minha partida.

### Defendendo o meu bairro

*Casquinha*

Todos contam maravilhas  
De seus bairros  
Hoje peço licença  
E vou falar do meu  
Porque tenho a nítida impressão

De quem mora em Oswaldo Cruz  
Mora perto de Deus  
Quem vislumbrar  
O panorama ao passar  
Neste lugar  
Por certo não há de acreditar  
Que a passarada  
Ao romper da madrugada  
Vem ao povo  
Do meu bairro despertar

Pela ordem natural das coisas  
Oswaldo Cruz é um berço de bamba  
Lá existe a famosa Portela  
Um verdadeiro poderio no samba  
Quem viver todos os dias  
Cercado pela nostalgia  
Aceite os conselhos meus  
Vem morar em Oswaldo Cruz  
Vem gozar as delícias  
Mandadas por Deus

Há muitas histórias escondidas pela poeira dos anos e, por isso, merecem ser desveladas à luz de documentos ou de relatos dos que participaram, como atores, protagonistas ou coadjuvantes, do enredo. Tomar conhecimento do curso desse passado transcende à curiosidade por particularidades e certos caminhos trilhados descortinam alamedas povoadas por inúmeros acontecimentos que molduram as décadas, revelando cenas inesquecíveis ou desprezíveis.

Como uma família, cujo chefe é baiano, chega ao Rio Janeiro, vai morar em Botafogo, pega o trem e desce na estação de Oswaldo Cruz, antiga Rio das Pedras? Curioso, não? Será que teve destino se-

melhante ao daquelas pessoas que foram desalojadas do centro durante a reforma do Prefeito Pereira Passos? Não, a história é diferente.

O pai de dona Neném era funcionário comissionado do Senado Federal. Tinha o primeiro e segundo graus completos. Além disso, sempre foi um autodidata e, até por força da função que exercia – era assessor, homem da confiança de um conhecido político, Senador da República, era bem informado e acompanhava a marcha dos acontecimentos.

A família vivia bem, numa casa de sobrado em Botafogo, bairro nobre da zona sul do Rio de Janeiro, após uns anos residindo no Catete. Quando percebeu que não teria muito tempo de vida, estava muito doente, o progenitor passou uma procuração, dando plenos poderes, a seu chefe, acreditando ser a melhor alternativa já que o filho mais velho, Lincoln, tinha apenas 15 anos e a mulher era analfabeta.

Ledo engano. O senador trapaceou os herdeiros, apossou-se de seus bens e à viúva e aos filhos restou, apenas, o montepio. Com este parco recurso, dona Ana, acompanhada dos três filhos, Lincoln, Helena e Yolanda, nome de batismo da caçula de 6 anos, que, por isso, tornou-se Neném para sempre, comprou uma casa humilde num loteamento, na Rua C, em Oswaldo Cruz, uma ladeira perpendicular à Estrada do Portela.

— |

| —

— |

| —

## C, DUTRA E MELLO, MANACÉA

Nas terras à oeste da Freguesia de Irajá, fincava-se o Engenho do Portela, produtor de cana-de-açúcar e os derivados, aguardente e rapadura. O proprietário era o português Miguel Gonçalves Portela, conhecido pela alcunha “O Velho”. Sua ampla fazenda confrontava com a de Lourenço Madureira, cujo sobrenome nomeou mais tarde o tradicional bairro suburbano.

Por volta da virada de 1900, o Engenho finalizou suas atividades e suas vastas áreas passaram às mãos de horticultores portugueses que abasteciam com seus produtos a população da zona da Central. Simultaneamente, ocorreram ocupações, apropriações de pequenos terrenos por pessoas mais humildes. Surgiram, também, os primeiros loteamentos e arruamentos na região e os novos logradouros, como muitas vezes acontece, eram nomeados por letras.

A rua onde se encontra a casa da Dona Neném era a C.

A letra C, segundo alguns estudiosos, era inicialmente a representação pictórica do camelo, animal que, na cultura árabe, é símbolo da beleza. De tal forma que as palavras beleza e camelo provêm da mesma base radical trilítera consonantal, característica comum às línguas semitas: J,M,L. Os linguistas admitem que o C representa o fonema /g/ no alfabeto etrusco, já que a língua não possuía fonemas consonânticos oclusivos. No latim, como no português e em algumas línguas neolatinas o grafema C representa ora o fonema /s/, ora o fonema /k/. É de bom alvitre lembrar que o C romano era o algarismo símbolo do cardinal 100, a excelência em sua plenitude.

Com certeza, não passou pela cabeça dos topógrafos ou das autoridades do Distrito Federal qualquer um dos fatos comentados no parágrafo anterior. Provavelmente, nomearam a rua C, levando em consideração seu ordenamento: é a terceira perpendicular à Estrada do Portela, a partir de seu ponto mais alto, em direção a Madureira. O C, como é de conhecimento geral, é a terceira letra de nosso alfabeto.

Mais tarde, ainda na primeira metade do século passado, as ruas conhecidas por letras ganharam nomes e a C ganhou uma placa: Dutra e Mello. E quem foi Dutra e Mello?

Embora rotulado por Otto Maria Carpeaux como um poeta pré-romântico, Antônio Francisco Dutra e Mello (1823-1846), na opinião de José Guilherme Merquior (1977), “o ato de fundação do romantismo brasileiro seria, com efeito, o lançamento, em Paris, da ‘Revista Brasiliense Niterói’ (1836)”, cujos fundadores foram Gonçalves Magalhães, Araújo Porto Alegre e Torres Homem. No manifesto, o primeiro destaca que “cada povo tem sua literatura própria (...) e deplora que a influência clássica, de cunho português, tenha sufocado a plena afirmação de uma arte brasileira aberta à inspiração do meio tropical e da raça nativa (...)”.

Pouco depois, já no Rio de Janeiro, o poeta Dutra e Melo e outros intelectuais juntaram-se ao trio precursor. Eles são considerados os primeiros românticos brasileiros.

“A melancolia” é um dos poemas de Dutra e Mello, dedicado ao amigo Santiago Nunes Ribeiro, autor do reconhecido artigo “Da Nacionalidade da Literatura Brasileira”, publicado no periódico literário “Minerva Brasiliense”. A seguir, quatro estrofes do longo poema em que a tônica do *mal du siècle* é evidente:

O vento já mal suspirara,  
O mar frouxo murmura.  
O céu já todo se cobre  
Do manto da noite escura.

(...)

Frondosos ramos de cedro,  
Densas copas da mangueira  
Mal se agitam pelo sopro  
Da mansa brisa fagueira.

(...)

A lua, que já brilhava,  
Pouco a pouco se escurece  
E meu coração aperta,  
E minha alma se entristece.

(...)

Pesada e negra tristeza  
Meus dias enlutará,  
E apenas cantos de dor  
A minha alma entoará.  
Não deixarei de gemer  
Nas horas de solidão;  
Não deixarei de penar  
Dentro do meu coração.

Antes mesmo de completar 23 anos, em 22 de fevereiro de 1846, num domingo de carnaval, expirou nosso poeta romântico para virar nome de rua íngreme do subúrbio de Oswaldo Cruz no século seguinte. Cem anos depois, no carnaval de 1946, a escola de samba vitoriosa era a Portela, com enredo de Lino Reis e samba de Ventura, a agremiação de Oswaldo Cruz exaltava o fim da Segunda Guerra Mundial cantando “Alvorada de um Mundo Novo”.

O terceiro e último nome do logradouro é rua Manacéa. Com as placas fixadas nos postes na virada do século XXI, em homenagem ao compositor ilustre, marido da dona Neném.

Após o casamento, a família residiu sempre no mesmo imóvel e, se bem que era frequentado por componentes da Portela desde a década de 30 do século passado - Lincoln, irmão de dona Neném, era amigo de Paulo da Portela, um dos três fundadores, a casa e, consequentemente, a rua, tornaram-se conhecidas pelas festas colossais e, principalmente, pelos ensaios dos integrantes da recém-criada Velha Guarda Show da Portela nos anos 70. Por sugestão de uma vizinha dos moradores da casa, a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro aprovou a troca do nome. Convém ressaltar que, além da rua em que residiu, Manacéa foi homenageado também com o nome de uma escola municipal e de uma estação do BRT, ambas em Madureira.

Embora nascido no ano anterior à eclosão do modernismo brasileiro, 1921, pelo menos assim apregoam os críticos da literatura e das artes em geral, Manacéa, como grande parte do primeiro grupo de compositores da Portela, guarda fortes traços românticos, mas, sem dúvida, de forma diferente dos primeiros cultores do estilo, entre eles Dutra e Mello. O mal do século ficará para trás, anunciava-se uma nova alvorada, parodiando o tema escolhido por sua escola em 1946, exaltavam-se a natureza e as coisas brasileiras. As obras literomusicais aproximavam-se mais da turma de Gonçalves Dias. Dois sambas do compositor, tantas vezes por muitos repetidos no quintal de sua casa, dizem assim:

1 - A Natureza

Quando a natureza se aborrece  
Toda a beleza na terra desaparece  
O céu todo escurece  
A chuva logo desce  
Mas isso desaparece  
Quando o céu se resplandece  
Os raios de sol logo descem  
Clareando todo o universo

Faz sorrir a natureza  
Despertando  
Toda a sua beleza  
Oh! Que riqueza

És tão linda natureza  
Que nem sei te divulgar  
Sei que tu és a rainha  
Da beleza.

2 - Manhã Brasileira  
Quando amanhece  
O céu resplandece  
Os raios do sol a brilhar  
Os passarinhos começam a cantar  
Anunciando a manhã brasileira  
Gorjeando sobre a mais alta palmeira  
Todos cantam com alegria  
Como é tão lindo ver romper o dia

De manhã, quando desperto  
Aprecio a alvorada  
Como é linda a madrugada  
Deus fez de mim um poeta  
Escrevi em linhas retas  
Essas rimas todas certas

— |

| —

— |

| —

## O LOCUS E O ANIMA

É necessário um mergulho nas profundezas do ser para se abstrair os alicerces basilares de seu comportamento, de sua visão de mundo, de seu estar na sociedade. Muito já se pensou sobre o assunto. Várias correntes filosóficas, sociológicas, antropológicas, balizadas na história, tentaram revelar os princípios que conduzem o indivíduo ao longo da existência. Múltiplas respostas buscam dar conta desse questionamento instigante, que permeia gerações ao longo dos tempos. Certamente, tais especulações merecem um entendimento à luz do momento histórico e social.

Entre os esforços para se desenterrarem as raízes escondidas sob a poeira, uma coisa é senso comum, é preciso que se evidencie o *locus*, revelador e sinalizador.

O *locus*, lugar, é, também, o fundamento maior do raciocínio, o âmago do discurso, entendido como a expressão pessoal de todas as possibilidades cognitivas ensejadas pelos bens coletivos.

O *locus* não deve ser delimitado, pois transcende o espaço físico. Suas ondas de vibração e de reverberação irradiam-se e propagam-se além das barreiras geográficas.

Os *loci*, muitas vezes foram sacralizados, e são até os nossos dias. Para que tal fato aconteça é preciso que o lugar seja profundamente respeitável, venerável. Ele guardará um mistério, a partir de uma suposta realidade, fabulada na memória, na herança dos antepassados. Por ter uma natureza mágica, composta por códigos estranhos aos não íntimos, exige paciência dos que desejam decifrar a marcha dos acontecimentos e a pulsação das sensações dos que lá vivem.

Certamente, o *locus* e o *anima* são indissociáveis. O primeiro é inerte separadamente. Sua realização, aceleração, acontece quando impulsionada pelo *anima*, o sopro, o princípio vital.

Admitir-se-á, então, que o *locus* é um corpo sem alma? Ao se considerar a compreensão junguiana da natureza, supõe-se que o *locus* somado ao *anima* representam a matriz da existência e da sobrevivência da espécie.

Perguntar-me-ão os leitores: para que tais divagações de cunho filosófico, psicológico, para tratar de uma casa suburbana que, a partir de 1931, ganhou vida e, de lá pra cá, espargiu luz e alegria?

Respondo-lhes: há pessoas que têm a capacidade de unir, de congregar, de existir em simultâneo. Elas estendem seus vínculos para além da família biológica e, desse modo, mantêm suas portas abertas para dividir o que prezam e lhes é singular. Assim sempre foi a família da dona Neném.

**É UMA CASA SUBURBANA,  
COM CERTEZA!**

**É uma casa portuguesa, com certeza!**  
*Artur Fonseca, Reinaldo Ferreira e Vasco Matos*

Numa casa portuguesa fica bem  
Pão e vinho sobre a mesa  
E se à porta humildemente bate alguém  
Senta-se co'a gente  
Fica bem essa franqueza fica bem  
Que o povo nunca a desmente  
A alegria da pobreza  
Está nesta grande riqueza  
De dar e ficar contente

Quatro paredes caiadas  
Um cheirinho de alecrim  
Um cacho de uvas doiradas  
Duas rosas no jardim  
Um São José de azulejo  
Mais o sol da primavera  
Uma promessa de beijos  
Dois braços a minha espera  
É uma casa portuguesa com certeza  
É com certeza uma casa portuguesa

No conforto pobrezinho do meu lar  
Há fartura de carinho  
A cortina da janela e o luar  
Mais o sol que bate nela  
Basta pouco pouquinho pra alegrar  
Uma existência singela  
É só amor pão e vinho  
E um caldo verde verdinho  
A fumegar na tigela.

Muitas semelhanças haverá entre a casa portuguesa mencionada em epígrafe e a casa suburbana. Para começar, entremos pela porta dos fundos, que geralmente une dois espaços fundamentais para o convívio social: a cozinha e o quintal, este extensão daquela. Tanto os tachos de além-mar, como os panelões de cá, fumegam e aromtizam a área livre, onde, após o arrefecimento, ou o esfriar um pouco, será servida a comida integradora.

E as coincidências - serão coincidências? - não param por aí. As gentes humildes, de lá e de cá, sentem-se felizes em dividir o que têm: a comida, o carinho, a alegria, a fé, - e por que não? - as dificuldades e a dor.

Não poderia ser de outro jeito. O São José de azulejo na parede protege o lar de dona Neném, no frontispício da casa. Não poderia ser de outra forma, pois ela nasceu em 19 de março, dia consagrado ao protetor dos carpinteiros e dos operários, no ano de 1925. E, se não sabem, ainda há mais essa: São José é o protetor de Madureira, que, do alto do morro, que recebeu seu nome, zela pelo bairro, abrigado na Capela São José da Pedra, também conhecida por Capela de São José de Madureira.

Conta a lenda que caçadores, ainda no século XIX, encontraram uma imagem do santo no alto da colina e colocaram-na num altar improvisado, entretanto, todas as noites ela retornava ao local em que fora avistada pela primeira vez. Desse modo, o proprietário das terras,

José Francisco Lisboa, permitiu a construção de um santuário, inaugurado em 1931. Em 1978, foi construída uma escadaria, com 366 degraus, tornando mais acessível a caminhada. A Capela de São José de Madureira é tombada pelo Patrimônio Histórico da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

Devido ao calor dos trópicos, aliado às temperaturas mais elevadas dos bairros da zona norte da cidade, em consequência da barreira natural geográfica, o Maciço da Tijuca, que divide impiedosamente o Rio, o vinho transforma-se em cerveja bem gelada e as árvores frondosas oferecem, generosamente, a sombra para abrigo dos comensais. Em torno das mesas, cobertas com toalhas azuis e brancas e com um vaso com flores ao centro, distribuem-se os partícipes. Num canto, junto à parede lateral que limita o terreno, outra mesa, maior, serve de repouso aos instrumentos de corda, sopro e percussão, que chegam sorrateiramente, empunhados por músicos de diversas cepas. Quando soam os primeiros acordes, os convidados aproximam-se e um coro espontâneo passa a entoar o estribilho do samba proposto. Naquele momento eterniza-se o instante mágico e corporifica-se a alma brasileira, amálgama das culturas do autóctone, do colonizador e do escravizado.

Da cozinha para o quintal, do quintal para a cozinha, transita dona Neném. Como uma experiente Iabassê, verifica se os ingredientes estão nos conformes. Como uma refinada dama, observa se todos estão com os copos cheios e nada lhes falta. Alerta para a possível necessidade de mais gelo no tonel e para que as crianças tenham o refrigerante renovado. Em silêncio sábio e esclarecedor, acompanha a música, os músicos e os da roda, como uma rainha entronada. Do alto, observa tudo, mas não revela seu entusiasmo: postura real.

Os quitutes e a bebida atravessam o muro, assinalando a camaradagem entre os que vivem lado a lado e as boas maneiras recomendam: o prato não deve ser devolvido vazio.

Certamente, tornar-se-á difícil, talvez impossível, para o habitante além-túnel, no Rio de Janeiro, imaginar a cena descrita. E não sabe, também, que, dependendo do espaço, recomenda-se que a casa

ocupe o centro do terreno: na frente, o jardim com a roseira e, nos fundos, uma hortinha com temperos e couves.

No final do ano é a hora de arrecadar um dinheiro para pintar a casa. As festas estão chegando e, num rito de passagem e de renovação, a limpeza é um sinal de bom augúrio para o ano que se aproxima. O pintor do bairro fica assoberbado nessa época, tem a agenda cheia.

Banhos de ervas e defumador são indicados para a proteção de todos, são essenciais para a preservação da saúde e para a prosperidade durante o ano que se anuncia. Quem precisar de receita para se livrar de infortúnios específicos, recomenda-se uma visita ao Mercado de Madureira. Lá tudo será resolvido.

E os banquinhos para o final da tarde e as primeiras horas da noite na calçada? Não podem faltar, para o bate-papo. Os assuntos? Variados, desde o resultado do futebol e do jogo do bicho, até as fofocas comezinhas.

Nas últimas décadas, os hábitos estão mudando por diversas razões: o empobrecimento da população, a migração, o aumento da violência, o preço dos serviços, a dificuldade de locomoção, o desemprego e a escassez de moradias. De qualquer forma, há resquícios no “modus vivendi” suburbano que permanecem inalterados, principalmente o apego e a valorização do bairro, de suas histórias e de suas tradições.

## ÁLBUM DE FAMÍLIA



*Arthur e Anna, pai e mãe de dona Neném.*

**Arthur e Anna, pai e mãe de Dona Neném.**

Foto em preto e branco.

Da esquerda para a direita, Anna, é uma mulher negra, de lábios carnudos, sombrancelhas grossas, cabelos pretos curtos. Usa um colar de contas escuras sobre o tecido claro da roupa. Ela olha firmemente para a câmara. Ao seu lado, Arthur, homem negro, meio calvo, de olhos grandes e sombrancelhas largas, veste camisa branca, gravata listrada e paletó escuro com cravo na lapela.



*Dona Neném jovem.*

Foto em preto e branco da Dona Nenem jovem.

Seu cabelo está arrumado, preso num penteado belo e volumoso. Ela usa blaiser claro e um brinco de pérolas. Seu rosto expressa um sorriso gracioso.



*Primeira comunhão de dona Neném.*

Foto em preto e branco da primeira comunhão de Dona Nenem.

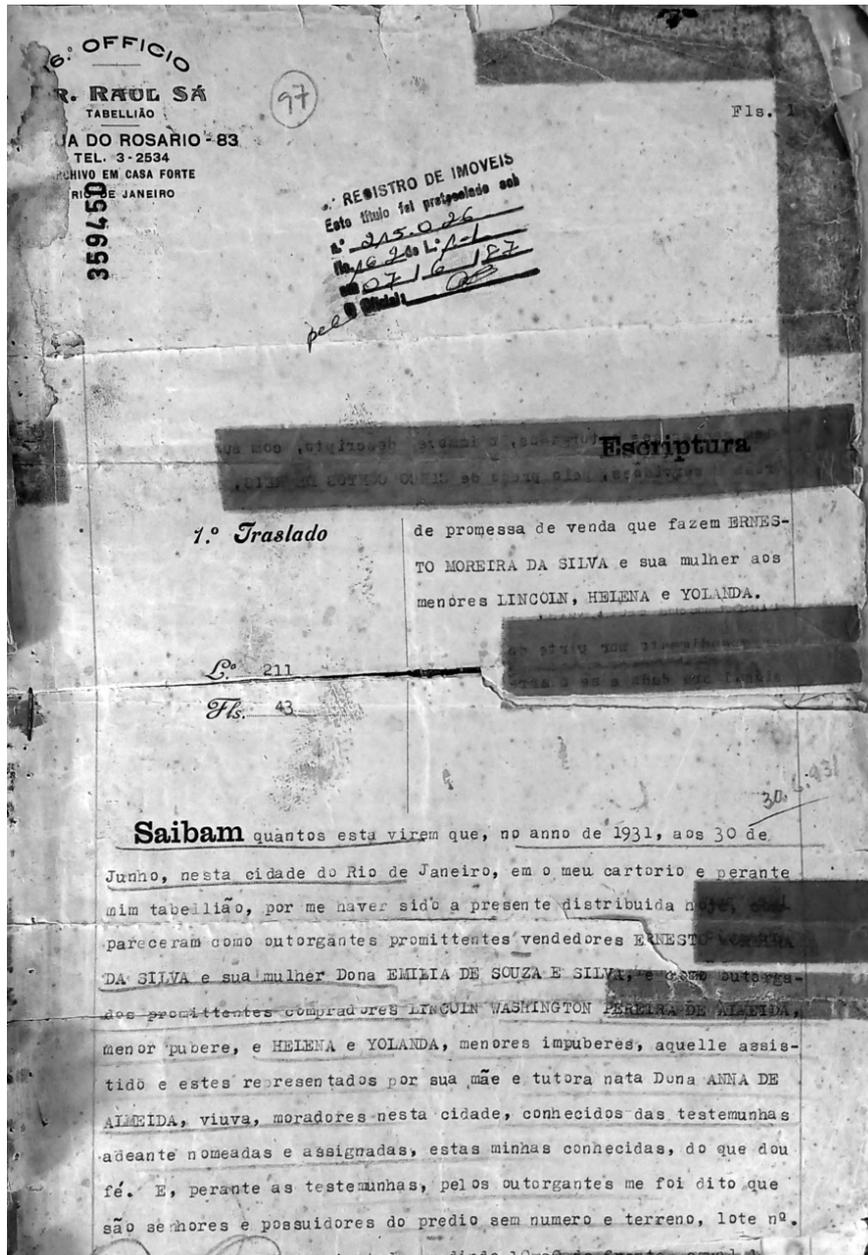
A menina de pé, usando botas brancas e vestido curto de renda, também branco, apoia a mão numa “namoradeira” de madeira escura, onde repousa um buque de flores.



*Casamento Dona Neném e Manacéa - 1951.*

Foto em preto e branco do casamento de Dona Neném e Manacea, em 1951.

Da esquerda para a direita, Dona Nenem, sorridente, vestida de branco com veu, grinalda e um buque de flores. Ao lado, o noivo, Manacéa, homem preto, alto, cabelo curto, vestindo terno escuro, camisa e gravata brancas e lenço, também branco, na lapela, olha suavemente para a câmara. Ambos parecem felizes.



*Promessa de venda da casa de dona Neném.*

Foto em preto e branco.

Imagem de documento antigo, datado de 1931. Escritura de promessa de venda da casa da Dona Nenem.



*Aniversário de Manacéa - 1993 - Atrás, Ademir, Walter, Bira e Mário;  
à frente, Arthur, Manacéa, Arlete, Juracema e Irani.*

Foto em preto e branco.

Aniversário de Manacéa, 1993. Atrás, Ademir, Walter, Bira e Mário; à frente, Arthur, Manacéa, Arlete, Juracema e Irani.

Todos sorridentes e batendo palmas ao redor de Manacéa que, também sorridente, toca cavaquinho.



*De pé, Áurea Maria, Juracema e Ademir;  
sentados, Manacéa e Bruno Ribas.*

Foto em preto e branco.

De pé, Aurea Maria, Juracema e Ademir; sentados tocando cavaquinho, Manacea e Bruno Ribas.

— |

— |



*Arlete, Rosemary, Neide, Noemia e Eunice.*

Foto em preto e branco.

Arlete, Rosemary, Neide, Noemia e Eunice são fotografadas descontraidamente no quintal.

— |

— |



*Osmar do Cavaco, Heloísa, Leda e dona Neném.*

Foto em preto e branco.

No quintal cheio de pessoas, em primeiro plano, da esquerda para a direita, Osmar do Cavaco, Heloísa, Leda e Dona Nenem posam para a foto. Heloisa e Osmar seguram bebidas, D. Nenem um buque de flores.



*Aniversário do Manacéa - 1993.*

Foto em preto e branco

Aniversário do Manacéa

Foto do quintal. Várias pessoas se encontram sentadas ao redor de mesas espalhadas pelo quintal sombreado por uma árvore ao centro. E sobre as mesas, bebidas e petiscos.



*Comemoração de aniversário da dona Neném.*

Foto em preto e branco.

Comemoração de aniversário da Dona Neném. Na mesa o bolo, onde está escrito Portela. A aniversariante aparece cercada por familiares e amigos, entre eles, o autor João Baptista M. Vargens e Tia Surica.



*Dona Neném e João Baptista,  
última visita da baluarte à quadra da Escola.*

Dona Neném e João Batista, última visita da baluarte à quadra da Portela.

Foto em preto e branco.

Dona Neném sentada na quadra da Portela. O seu lado, em pé, autor João Baptista M. Vargens, um homem alto, mestiço, de cabelos pretos, vestindo terno escuro.

Ambos seguram a medalha Natal da Portela, oferecida ao autor pelos livros que escreveu sobre compositores da Portela.

## UMA CASA DE EMPATIA

Batizado com um nome pomposo, Lincoln Washington Pereira de Almeida, irmão mais velho de dona Neném, teve uma infância abastada, tendo estudado em bons colégios da zona sul carioca. Sua adolescência foi bem diferente. Com o falecimento do pai, como primogênito, aos 16 anos teve de arcar com a responsabilidade de chefe da família, cuidando da mãe e das duas irmãs.

Ainda menor de idade, Lincoln ingressou nos Correios e Telégrafos. Trabalhava na Agência Copacabana.

Após a mudança da família para Oswaldo Cruz, uma roça na época, o jovem ficou deprimido. Levava, até então, uma vida bem distinta daquela a que estava habituado. Para chegar ao trabalho era preciso acordar bem cedo e enfrentar o trem, movido a vapor, cuja fuligem maculava o linho S120, alvíssimo.

Logo depois que chegou ao distante bairro do subúrbio, Lincoln, que além de funcionário público era músico profissional, violonista e compositor, conheceu Aniceto, irmão de Manacéa, que, mais tarde, seria o marido de dona Neném. Foi Aniceto quem o apresentou a Paulo Benjamim da Oliveira, o legendário fundador da Portela, ao lado de Rufino e Caetano. Paulo chegara à estrada do Portela um pouco antes, na década de 20, oriundo da Saúde, no centro da cidade.

Lincoln e Paulo tornaram-se amigos e parceiros de música, entre outras, compuseram “Conselho”:

Aceite o conselho do amigo  
Não queira ter tão triste fim  
Eu sei que a vida de quem ama é assim  
Esqueça alguém que não te quis  
Canta e serás feliz

Cantando muito facilmente irás esquecer  
Aquele que só por maldade te fez padecer  
Compare essa falsa amizade  
Com a tempestade, não perca a esperança  
Que um dia com muita alegria terás a bonança.

Por intermédio da música, Lincoln passou a conhecer aquele novo universo e a viver outra realidade, distante da dos tempos de menino. Aproximou-se de alguns compositores da Portela, como Ventura, Alberto Lonato, e, no quintal de sua casa, ouviam-se sambas, exaltando a natureza, marca registrada dos primeiros poetas da Escola.

Ainda menina, dona Neném tinha a incumbência de comprar gelo e reclamava com a mãe dizendo que Manacéa, que trabalhava na fábrica de gelo, mexia com ela. Anos mais tarde, em 1951, os galanteios da infância desdobraram-se em casamento. Naquela altura, o noivo já era serralheiro, dos bons, na rua Senador Pompeu, no centro, perto da Central do Brasil. Ele ocupava, inicialmente, o lugar de seu irmão Justino, servente, falecido recentemente, e, mais tarde aprendera a profissão exercida até a aposentadoria.

Após as bodas, o casal foi residir na casa da mãe de dona Neném e lá nasceram Áurea Maria, em 1952, e Heloísa, em 1954.

Manacéa, Aniceto e Bonifácio, conhecido pela alcunha Mijinha, eram conhecidos compositores da Portela e autores de muitos sambas de sucesso no terreiro da Escola. Manacéa tornou-se vitorioso, também, escrevendo sambas de enredo. Foi o campeão em 1948 (Princesa Isabel), em 1949 (O despertar de um gigante), em 1950 (Riquezas do Brasil) e, em 1952 (Brasil de ontem). No ano seguinte, com

o samba já ensaiado, percebeu que havia outro muito bom e passou o bastão para uns rapazes que vinham do outro lado da linha do trem, Candeia e Altair Prego. Com humildade e grandeza comentou:

“Senti-me aliviado. Não teria mais compromisso de fazer sempre um samba para a Escola. Candeia tinha a chama da Escola. Depois da chegada dele, afastei-me. Dediquei-me mais à família”. (VARGENS&MONTE, 2001).

Se a família de dona Neném proviera da zona sul da cidade, a de Manacéa chegara da zona rural, hoje zona oeste, mais exatamente da Barra de Guaratiba. O pai, que trabalhava na Estrada de Ferro, faleceu e Aniceto, com 15 anos, tornou-se o chefe da família. Ele era operário em uma olaria do bairro e, depois, tornou-se funcionário no Departamento de Águas do Distrito Federal.

A partir das bodas de dona Neném e Manacéa, o quintal da casa era musical após o almoço de domingo. Reunidas as famílias Almeida e Andrade (Lincoln, Manacéa, Aniceto e Mijinha), o samba comia solto, em tom maior. Lincoln ao violão, Manacéa no cavaco e os outros dois e os frequentadores eventuais na cozinha: pandeiro, tamborim reco-reco e o balde, fazendo a marcação.

Com a formação da mais tarde conhecida como Velha Guarda da Portela Show, em 1970, por Paulinho da Viola, o grupo ensaiou no mesmo quintal por algum tempo. Depois, devido ao aumento do número de pessoas, convidadas ou não, os encontros dominicais aconteciam numa área livre nos fundos do prédio em que residia, a Doca, pastora do conjunto.

Além dos momentos lúdicos vividos pelos frequentadores da casa de dona Neném, algumas produções marcaram o *locus*, tais como:

1 – O filme Partido-alto, de León Hirszman, gravado em 1976 e lançado pela Embrafilme em 1982. A primeira parte da obra foi filmada na varanda da casa de Candeia, na Taquara, em Jacarepaguá e a segunda parte em Oswaldo Cruz, no quintal da dona Neném.

2 – O lançamento do primeiro disco de dona Ivone Lara.

3 – A seleção de sambas para disco de Martinho da Vila, Como confirma Ruça Caniné, ex-presidente da Vila Isabel, ex-vereadora pelo PCB e, à época, mulher do compositor, em entrevista publicada no livro *A Velha Guarda da Portela* (2001): “Martinho estava mal, sem autoestima. Achava que nunca mais ia gravar um disco. Procurei o pessoal da Velha Guarda da Portela para levantar sambas-erredos para Martinho gravar um disco do gênero. Com solidariedade, chamaram gente de todo o mundo do samba. Sob a amoreira da casa do Manacéa, reuniram-se”. E o disco não apenas foi gravado, mas se tornou um grande sucesso.

4 – O lançamento do CD do Marquinhos de Oswaldo Cruz, quando 60 galinhas com quiabo foram preparadas para os convidados.

5 – Cenas do filme “O mistério do samba”, de Lula Buarque de Hollanda e Carolina Jabor, com a participação de Marisa Monte, 2008.

Duas datas em que a casa de dona Neném estava sempre repleta, o dia de seu aniversário, 19 de março, Dia de São José, e o domingo e a segunda de Carnaval. Parentes, vizinhos, amigos, gente de várias escolas de samba lotavam a residência e se espalhavam pelo quintal. Muita música, muita comida, muita bebida e, principalmente, carinho e cordialidade. Nas últimas décadas, dois baianos-portelenses, Ricardo e Cabo, assumiam o fogão comercial da varanda e faziam a famosa quiabada, quiabos com vários tipos de carnes, para regalo dos comensais. Os ingredientes vinham de Salvador.

## IGUARIAS DA DONA NENÉM

Na casa de bamba, como diz Martinho da Vila, todo mundo bebe, todo mundo samba. Não pode faltar, também, um prato de substância, assim dizem os sambistas. Dona Neném era mestre na cozinha e seus pratos e quitutes tornaram-se famosos. Àqueles que provaram as iguarias da casa, desejo que recuperem o paladar no arquivo da memória; para os que não tiveram este privilégio, eis três receitas famosas da casa, gentilmente cedida por Áurea Maria, conhecida pastora da Velha Guarda Show da Portela. As receitas são para 10 pessoas, número mínimo exigido para um bom pagode.

### GALINHA COM QUIABO

*(Prato predileto do escritor angolano Manuel Rui Monteiro)*

#### **Ingredientes:**

8k de coxas e sobrecoxas

4k de quiabo

Sal a gosto

Óleo ou azeite

Pimenta do reino a gosto

Louro a gosto

Vinagre ou limão (para lavar a galinha)

3 cabeças de alho

2k de tomate

6 colheres de sopa de extrato de tomate elefante

Salsa

Cebolinha.

**Preparo:**

Passo I:

Tempere a galinha com sal, alho amassado, cebola picada, vinagre, pimenta do reino e folhas de louro.

Passo II:

Lave os quiabos e corte-os em pedaços médios

Passo III:

Refogue a galinha no óleo ou no azeite até dourar; adicione os temperos e água na quantidade necessária para cozinhar todos os ingredientes; adicione os quiabos; para finalizar, coloque por cima salsa e cebolinha picadas.

**RABADA COM BATATA E AGRIÃO**

*(Prato servido na Feira das Yabás, uma vez por mês na Praça Paulo da Portela, em Oswaldo Cruz)*

**Ingredientes:**

7k de rabada

2k de batata inglesa

3 maços de agrião

1 lata média de extrato de tomate elefante

Sal e pimenta do reino a gosto

6 tomates

4 pimentões verdes

Salsa

Cebolinha

**Preparo:**

Passo I:

Retirar o excesso de gordura dos pedaços de rabada e lavá-los.

Passo II:

Ferver os pedaços somente com água para reduzir a gordura.

Passo III:

Cozinhá-los com todos os temperos, adicionando a água necessária. Quando estiverem macios, acrescentar as batatas. Refogar o agrião com alho, sal e azeite e servi-lo com a rabada.

### PEIXE AO LEITE DE COCO

*(O prato era geralmente servido às quartas, dia da feira de Oswaldo Cruz. Era muito apreciado pelo Manacéa. Seu peixe preferido era a corvina de linha)*

#### Ingredientes:

4kg de peixe cortados em postas  
Sal e pimenta do reino a gosto  
1 maço de coentro  
Suco de limão  
6 tomates (3 para temperar e 3 para cortar em rodela)  
6 cebolas (3 para temperar e 3 para decorar)  
1 cabeça de alho  
Azeite  
1 pimentão verde  
1 pimentão vermelho  
1 vidro de leite de coco

#### Preparo:

Bata no liquidificador o leite de coco e um pouco dos temperos, após tempere o peixe e reserve. Em uma panela adequada, coloque uma camada de temperos, tomates, cebolas e pimentões cortados em rodela, alternando-os com as postas de peixe. Acrescente o leite de coco, azeite e coentro picado. Finalizar com tomate, cebola, pimentões cortados em rodela e coentro picado por cima e azeite. Tampe a panela para cozinhar em fogo baixo.

— |

| —

— |

| —

## DEPOIMENTOS

“Na casa da dona Neném, sempre fui recebida com muito carinho por todos da família. Eu não sentia passar o tempo naquele quintal. Dona Neném, sempre ativa e acolhedora, me oferecia aquela cervejinha gelada. A mesa farta, o sorriso das filhas nos contagiavam. Vivi momentos inesquecíveis naquela casa.” **Áurea Nazareth de Paiva**, 17 de dezembro de 2020.

“Eu tinha uns 13, 14 anos quando João Vargens, que é como um tio, me levou para a casa da dona Neném. Se não me engano, era aniversário dela. Ali fui apresentado a um Rio diferente. Embora minha família paterna fosse da Zona Oeste, o samba se limitava ao toca-discos. Para mim, criado na Zona Sul, a casa da dona Neném foi então a materialização de um mundo novo. Um mundo que eu ouvia nas gravações do Fundo de Quintal, do Zeca Pagodinho, do Paulinho da Viola, e que finalmente estava vivenciando. Lembro em detalhes da fartura: a panela monumental de galinha com quiabo, a “parede” de engradados de cerveja. E, claro, do samba. De Ratinho, da Áurea, da dúvida sobre a que horas o Monarco chegaria, das figuras emblemáticas da Velha Guarda da Portela. Dona Neném era a imagem central daquele enredo tão simbólico, mítico, e enfim real.” **Paulo Celso Pereira**, 18 de dezembro de 2020.

“Através do colega e amigo João Baptista Vargens, tornei-me “portelense de verdade” e amigo dos bambas da Velha Guarda. Nesse

convívio, o que mais me impressionou foram os pagodes no quintal da casa do Manacéa e da dona Neném. À sombra de frondosas árvores, rolavam pelo dia inteiro, da hora em que o primeiro convidado chegava - e eram muitos os sambistas amigos - até o último toque do surdo já pela noite. Em alguns desses encontros de datas marcantes, vinha um grupo da Bahia que apimentava as delícias dos panelões, dos petiscos em permanente rodízio e dos sambas que rolavam sem parar. Tudo isso era regado a litros de batidas diversificadas e a engradados de cerveja. Os encontros eram aveludados pelo gentil sorriso de hospitalidade do casal anfitrião, afabilidade que, depois, foi continuada pela viúva dona Neném e família. O último a que compareci foi - suponho - o de seus 92 anos. Parodiando o consagrado samba da nossa Escola: “Quem provou do famoso pagode da dona Neném, só quem é da Portela é que sabe que a coisa era divina”. **Clécio Quesado**, 20 de dezembro de 2020.

“Falar da casa de dona Neném, eu posso falar, pois estive muitas vezes naquele quintal. Lembro que a TV Globo fez uma homenagem a Estácio de Sá e a nossa participação foi gravada ali. Nós ensaiávamos lá, a Velha Guarda reunia-se lá. Era lá que o Manacéa fazia os pagamentos dos cachês dos shows, tostão por tostão. Aquele rapaz era muito correto! Muita saudade! Ali fazíamos fitas para mandar para os cantores e o quintal era pé quente. Grandes sambistas passaram por aquele quintal abençoado por Deus. Aquele casal, Manacéa e dona Neném, formou uma família bonita. Agora, só falta eu fazer um samba, “A casa da dona Neném”. **Monarco**, 19 de dezembro de 2020.

“Dona Neném era a maior referência viva feminina da Portela. Mesmo nem sempre fisicamente presente, tínhamos a certeza de sabermos que ela estava sempre ali, no alto daquela casa, olhando por todos nós e por nossa história. Por nós que sempre precisamos tanto dela”. **Luís Carlos Magalhães**, 6 de maio de 2020.

‘Desde pequena, acompanhava meus pais à casa da dona Neném. Nessas ocasiões, em geral, também visitávamos os meus avós que moravam perto. Duas casas que me trazem boas lembranças da infância. Com sorte, o passeio ainda se estendia à quadra da Portela. Então, era felicidade em dose tripla! Minha filha não conheceu os bisavós paternos, mas brincou algumas vezes no quintal da dona Neném em dias de carnaval. Além de conhecer o samba portelense, a menina deleitou-se com a comida gostosa que, costumeiramente, achamos em casa de sambista e vó’. **Dayala Vargens**, 21 de dezembro de 2020.

“A casa da dona Neném e do meu querido amigo Manacéa é o lugar mais aconchegante e carinhoso que eu já frequentei nesses meus muitos anos de samba, tudo planejado pra receber bem. Samba de primeira, comida maravilhosa e gente da melhor qualidade. Vou guardar pra sempre os bons momentos que passei com eles”. **Paulão Sete Cordas**, 3 de janeiro de 2023.

“Uma visita à casa de dona Neném me proporcionava, sempre, muitas alegrias. As gentilezas da anfitriã e de suas filhas incluíam, sempre, uma cerveja gelada acompanhada de salgadinhos preparados por ela e um papo que se estendia tarde afora. Difícil era recusar o convite - ‘quer jantar conosco?’ - quando chegava a noite e era a hora da partida”. **Carlos Monte**, 4 de janeiro de 2023.

“Lembro, com um pouco de nostalgia no peito, da casa da dona Neném. Tantas vezes adentrei naquele quintal com o coração radiante, cheio de expectativas, pois sabia que coisas boas estariam nos esperando: um bom samba, uma boa comida e mais, um aprendizado com meus grandes mestres da nossa querida Azul e Branca de Oswaldo Cruz. Lembro muito nitidamente quando seu Manacéa me chamava para gravar em fita cassete. Eu ia sempre com Papai, mas, de repente, ia chegando Casquinha, Osmar do Cavaco, Chico Santana e

muitos outros. E, mais uma vez, tudo terminava em uma grande roda de samba”. **Mauro Diniz**, 5 de janeiro de 2023.

“Precisei da autorização para gravar o samba “Raiz Venenosa” do Manacéa, até então inédito, e acabei conhecendo pessoalmente a casa da dona Neném que me recebeu de forma muito generosa e me contou uma porção de histórias, inclusive a do samba que eu gravaria. A partir daquele dia foram vários encontros e todos muito especiais. Dos inesquecíveis foram a roda ao lado da Velha Guarda que durou uma tarde inteira e adentrou a noite e uma homenagem ao Manacéa com a turma do Glória ao Samba”. **Tuco Pelegrino**, 6 de janeiro de 2023.

“Tudo começou quando encontrei Marco Aurélio, genro da dona Neném, em Salvador, logo após o carnaval de 1983. Ficamos amigos, passamos a nos comunicar toda semana e ele se incumbiu de conseguir uma ala na Portela para eu desfilar. A partir de então, comecei a enviar o valor das parcelas da fantasia da Ala Mocotó. Chegando ao Rio, no carnaval de 1984, tive a felicidade de ser apresentado à dona Neném e à sua família, todos maravilhosos. Naquele primeiro encontro a matriarca me chamou de corajoso por ter, em pouco tempo de conhecimento, confiado o pagamento da fantasia. A amizade foi-se enraizando e, diante daquela aproximação, passei a me hospedar na casa daquela senhora que se transformou em minha segunda mãe. Pessoa despojada, casa cheia, acolhedora de quantos baianos que lá chegassem.” **Cabo (Otávio Gomes Barroso)**, em 8 de janeiro de 2023.

“Meus primeiros contatos com Manacéa datam do início da década de 1990. Participei como convidada de um show de Raphael Rabello no qual a Velha Guarda da Portela também se apresentou. Manacéa integrava o conjunto, como aconteceu em 1992, quan-

do, mais uma vez, a Velha Guarda da Portela tocou comigo no disco “Cor de Rosa e Carvão” Quando produzi o “Tudo Azul”, em 2000, Manacéa já havia, infelizmente, falecido. Guardo dele uma carinhosa lembrança. Mais tarde, sua querida filha Áurea Maria substituiu Doca como pastora do conjunto. Por ocasião da produção do “Mistério do Samba”, estive pessoalmente na casa da família, onde fui recebida pela querida dona Neném e suas filhas Áurea Maria e Heloísa. Foi uma tarde muito agradável durante a qual pude percorrer memórias musicais do grande compositor. Depois, examinamos um caderno com letras e anotações feitas pelo próprio Manacéa. Das fitas que a dona Neném me emprestou em confiança e que foram digitalizadas por mim, escolhi “Volta”, que pode ser vista e ouvida no referido DVD. Tanto dona Neném como Áurea Maria participaram da roda de samba realizada na Portelinha. Voltei mais tarde à casa da rua Manacéa para devolver as fitas às suas legítimas donas”. **Marisa Monte**, 9 de janeiro de 2023.

“Falar sobre o quintal da dona Neném é igual ao samba da Portela do Monarco, ‘hoje eu não vou terminar’. Boas histórias, uma família a que tenho um carinho muito grande, uma casa movimentada, com muita roda de samba, muitos artistas passaram por lá, Zeca Pagodinho, Marisa Monte. Se hoje sou quem eu sou, sou muito grata ao saudoso Manacéa José de Andrade e onde ele estiver, que Deus o ponha no bom Reino da Glória”. **Surica**, em 10 de janeiro de 2023.

“De tudo o quanto o Quintal do Manacéa e da dona Neném é exaltado, a ancestralidade talvez seja o aspecto menos lembrado. Além de espaço de sociabilidade de uma comunidade de sambistas geniais e um dos redutos de grande criação poética e musical do Rio de Janeiro, o quintal da dona Neném foi também lugar de transmissão de saberes ancestrais. Basta mencionar que o partido-alto “Limoeiro, Limão”, cantado no documentário “Partido Alto”, com imagens de 1976 e foi registrado no livro *Contos populares do Brasil*, de Sílvio Romero.

Os encontros no Quintal da dona Neném representavam, assim, o eco de vozes ancestrais centenárias, sendo os sambistas de Oswaldo Cruz grandes elos de ligação entre gerações”. **Eduardo Pontin**, em 10 de janeiro de 2023.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Manuel. *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1937.

CARPEAUX, Otto Maria. *Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada*. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio e Editora 7 Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

MEDEIROS, Alexandre. *Batuque na cozinha: as receitas e as histórias das tias da Portela*. Rio de Janeiro: Senac-Rio/Casa da Palavra, 2004.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira - I*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos e outros. *Nos quintais do samba da grande Madureira*. São Paulo. Olhares e FAPERJ, 2016.

SILVA, Marília T. Barboza da & SANTOS, Lygia. *Paulo da Portela; traço de união entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

VARGENS, João Baptista M. & MONTE, Carlos. *A Velha Guarda da Portela*. Rio de Janeiro: Manati, 2001.

— |

| —

— |

| —

## **DADOS SOBRE O AUTOR**

João Baptista M. Vargens é natural do Rio de Janeiro. É Professor Titular da Faculdade de Letras da UFRJ, onde leciona desde 1975.

### **FORMAÇÃO ACADÊMICA:**

#### **No Brasil:**

Bacharelou-se e licenciou-se em Letras pela UFRJ (modalidade Português-Árabe), de 1971 a 1974. Na mesma Universidade, especializou-se em Língua Árabe, de 1976 a 1977.

#### **No Exterior:**

Estudou no Instituto de Língua Árabe para Estrangeiros na Universidade de Damasco, com bolsa oferecida pela República Árabe da Síria, em 1978 e 1979.

Doutorou-se na Universidade de Lisboa, de 1993 a 2000, tendo recebido Menção Honrosa por unanimidade do júri - “Léxico português de origem árabe: subsídios para o estudo do léxico português”.

Pós-doutorou-se na Universidade de Lisboa, 2019/2020 - “A poesia árabe, uma leitura luso-brasileira”.

### **ATIVIDADES PROFISSIONAIS NO EXTERIOR:**

À convite da Representação Diplomática Brasileira em Ramallah, proferiu palestras nas Universidades de Birzeit, Al-Quds e Be-

lém e deu prosseguimento às tratativas para Acordos de Cooperação entre as aludidas universidades e a UFRJ, em maio de 2022.

Lecionou Língua Portuguesa e Cultura Brasileira na Universidade Abd Al-Malik Assadi, em Tetuão, no Marrocos, de 1992 a 1994. Naquele país do norte da África, assinou o artigo dominical Opinião Semanal, em português, um jornal de grande circulação, tratando, principalmente, de temas brasileiros e colaborou com artigos, em árabe, no jornal Al-Aalam.

#### **PRÊMIOS E CONDECORAÇÕES NO ESTRANGEIRO:**

Delegado-Geral do Instituto Luso-Árabe para Cooperação, no Brasil.

Prêmio UNESCO-Sharjah para Cultura Árabe (Paris-2012).

Prêmio Internacional para Tradução Abdullah Bin Abdulaziz (Riad-2013).

#### **LIVROS ESCRITOS, TRADUZIDOS, EDITADOS E ORGANIZADOS:**

##### **Na área da cultura árabe - islâmica:**

**VARGENS, João Baptista M.** *A poesia árabe; um ensaio luso-brasileiro*. Rio Bonito (RJ): Almádena, 2020.

**VARGENS, João Baptista M.** *D. Pedro II, o primeiro arabista do Brasil?* Rio Bonito (RJ): Almádena, 2013.

SABBAGH, Alphonse Nagib. **VARGENS, João Baptista M.** (Org.). *Dicionário Árabe-Português*. Rio Bonito (RJ):Almádena/Fundação Biblioteca Nacional, 2011.

**VARGENS, João Baptista M.** & CAFFARO, Paula da Costa (Org.). *Arabismo, um tema e suas representações no Brasil e em Portugal*. Rio Bonito (RJ), 2010. .

**VARGENS, João Baptista M.** (Org.). *Contos Marroquinos Modernos*. 2ª. ed. Rio Bonito - RJ: Almádena, 2009.

**VARGENS, João Baptista M.** et alli . *Dicionário Aurélio Buarque de Hollanda* (responsável pelos arabismos). 6ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2008.

**VARGENS, João Baptista M.** *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia..* Rio Bonito - RJ: Almadena, 2007.

**VARGENS, João Baptista M.** ; HARB, Geni ; Lima, Suely Ferreira ; SILVA, Bianca Graziela da ; MENEZES, Heloisa Ellery de. *Português para falantes de árabe.* Rio Bonito - RJ: Almadena, 2007..

**VARGENS, João Baptista M.** LOPES, Nei. *Islamismo e negritude.* Rio de Janeiro - RJ: Reproarte, 1982.

#### **Na área da cultura brasileira:**

**VARGENS, João Baptista M.** *A casa da dona Neném.* Rio Bonito (RJ): Almadena, 2023.

**VARGENS, João Baptista M.** *Monarco, a dignidade do samba.* Rio Bonito (RJ): Almadena, 2013.

**VARGENS, João Baptista M.** *Monarco, a soberania do samba.* Niterói (RJ): Oficina do Parque, 2011. .

**VARGENS, João Baptista M.** & André Conforte . *Martinho da Vila: tradição e renovação.* Rio Bonito (RJ): Almadena, 2011. .

**VARGENS, João Baptista M.** *Candeia, luz da inspiração.* 3ª. ed. Rio Bonito - RJ: Almadena, 2008.

**VARGENS, João Baptista M.** ; MONTE, Carlos . *A Velha Guarda da Portela.* 2ª. ed. Rio de Janeiro - RJ: Manati, 2004.

**VARGENS, João Baptista M.** *Nos bastidores d'O Pasquim.* Rio de Janeiro - RJ: GMS, 1999.

**VARGENS, João Baptista M.** (Org.). *Notas musicais cariocas.* Petrópolis - RJ: VOZES, 1986.

**Temas gerais:**

**VARGENS, João Baptista M.** *Lembranças de ontem*. Rio de Janeiro: Reproarte, 1978.

**VARGENS, João Baptista M.** *Escritos dispersos*. Rio Bonito (RJ): Almádena, 2022.